

Luz. Sombras.

“Entre nós e as palavras, os emparedados, e entre nós e as palavras, o nosso dever falar.”

Esta a frase de Mário Cesariny que está na origem do título da tertúlia de hoje “Justiça, Poesia, Música.”

O escritor senegalês, de língua francesa, Mohamed Mbougar Sarr, na sua obra notável “A mais secreta memória dos homens” afirma, cruel, que a vida não é mais do que o hífen da palavra “peut-être”.

A violência da frase cresce a partir de uma dupla negação: a vida humana resume-se a uma tentativa, a um “talvez” que em nada se concretiza, mas afinal nem isso é sequer – apenas o traço inócuo, vago que separa o podia ser, o “peut-être”.

Hoje trata-se, precisamente, de desmentir, de renegar esse lado escuro da existência; essas sombras.

No texto introdutório do evento, explica-se: vamos falar do papel da poesia na criação e transformação da sociedade de direito e, claro, na transformação do indivíduo. Declarando que os poetas são os legisladores oficiosos deste mundo.

Olhando o rosto claro e cristalino da vida, desenhado a partir do Outro; com a força regeneradora da poesia, da literatura.

Por isso, para quem escreve é sempre “preciso agir como se a literatura fosse a coisa mais importante da Terra” – escreveu o mesmo Sarr.

Com este enquadramento, permito-me com a devida permissão do ilustre painel que vai estar connosco, o José Anjos, o pianista João Paulo Esteves da Silva e o Isaque Ferreira, destacar um nome muito especial.

Falo, como já certamente perceberam, do Desembargador Carlos Querido do Tribunal da Relação do Porto, por nós tão apreciado, orgulhosos que estamos por o ter como um dos nossos.

O Carlos é um amigo, um companheiro de todas as horas. Conhecê-lo, ouvi-lo – figura solar, límpida, clara – ilumina-nos a vida; desmente, poderosamente, a afirmação sombria de Mbougar Sarr.

Sempre modesto, não quero embaraçar o Carlos com elogios da minha lavra; mas, com matreirice, socorro-me de palavras terceiras, de um amigo comum, Álvaro Laborinho Lúcio, no prefácio que escreveu para o seu livro “Praça da Fruta”.

Cito: “Carlos Querido, conhecido e reconhecido pela sua inteligência, pela sua cultura, pelo seu rigor competente, pela sua sensibilidade criadora”.

Vamos conhecer melhor o escritor Carlos Querido. Aquele que na sua vasta obra, abordou temas históricos – como não mencionar o livro “Processo de Camilo” tão significativo para esta Casa – mas que também soube interpelar o homem moderno, dos nossos tempos, com “Insanus”, salvo-conduto que nos abre, numa prosa magnífica, o pórtico da alma, em 29 micro-contos que remetem, com absoluta lucidez, para a obscuridade, o sombrio da vida.

A Luz é a sombra de Deus, proclamava Einstein.

Luz. Sombras.

Fecha-se o círculo.

Termino.